

MUSEOLOGIA SOCIAL: APROXIMAÇÕES INFOCOMUNICACIONAIS DO PATRIMÔNIO¹

SOCIAL MUSEOLOGY: INFOCOMMUNICATIONAL APPROACHES TO HERITAGE

Sidélia S. Teixeira²

Patrick Fraysse³

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise sobre a Museologia Social, por meio da apropriação de determinados aspectos da Nova Museologia, com a inserção de uma crítica atualizada sobre a colonialidade. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, em processo de desenvolvimento, cujos estudos teóricos vinculam-se à museológica contemporânea, aos debates decoloniais e à educação intercultural, discutindo-se sobre o Ecomuseu de Marquèze, na França, e a proposta de criação do Ecomuseu do Itapicuru, Bahia, Brasil. Realiza-se uma revisão bibliográfica, observação etnográfica e a aplicação da técnica de entrevistas semiestruturadas. Para a sistematização dos dados, recorreu-se à análise de conteúdo. Os resultados apontaram para o caráter dinâmico da Museologia e a importância dos ecomuseus para o fortalecimento de sentimentos de pertencimento e orgulho de grupos subalternos. Indica-se a importância da articulação entre políticas turísticas e museológicas.

Palavras-chave: nova museologia; museologia social; colonialidade; ecomuseus; educação intercultural.

Abstract: *The objective of this work is to present an analysis of Social Museology, through the appropriation of certain aspects of New Museology. Based on studies on Social Museology, it demonstrates the insertion of an updated critique of coloniality. This is qualitative research, in the process of development, whose theoretical studies are linked to contemporary museology, decolonial debates and intercultural education, discussing the Ecomuseum of Marquèze, in France and the proposal to create the Ecomuseum of Itapicuru, Bahia, Brazil. A bibliographical review, ethnographic observation and the application of the semi-structured interview technique are carried out. To systematize the data, content analysis is used. The results point to the dynamic character of Museology and the importance of ecomuseums for strengthening feelings of belonging and pride among subordinate groups. The importance of articulation between tourism and museum policies.*

Keywords: *new museology; social museology; coloniality; ecomuseums; intercultural education.*

¹ Artigo submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXIII ENANCIB.

² Doutorado em Estudos Contemporâneos. Universidade Federal da Bahia. E-mail: sidelia@ufba.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5290-2386>.

³ Doutor em Ciências da Informação e da Comunicação. Université Toulouse III - Paul Sabatier. E-mail: patrick.fraysse@iut-tlse3.fr. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6709-3635>.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta uma breve discussão sobre o Ecomuseu de Marquèze, França e a proposta de criação do Ecomuseu do Itapicuru, Bahia, Brasil, com o objetivo de apresentar uma análise sobre a Museologia Social, por meio da apropriação de determinados aspectos da Nova Museologia, com a inserção de uma crítica atualizada sobre a colonialidade.

Tal debate, que envolve instituições e projetos museais situados em áreas turísticas, continua merecendo atenção, sobretudo no que diz respeito à análise sobre o uso social do patrimônio cultural/informação como instrumento de fortalecimento das memórias coletivas e de desenvolvimento sustentável.

Registramos ainda que estudos sobre a Museologia Social também podem contribuir para o diálogo e a reflexão intercultural entre grupos comunitários e pesquisadores acadêmicos, ampliando o debate sobre a complexidade da proteção, o estudo e a valorização dos bens culturais na contemporaneidade.

Pretendemos aportar elementos para o desenvolvimento de análises em torno das definições conceituais de Museologia, segundo uma perspectiva histórica que também considera a dinâmica dos museus comunitários nas suas relações turísticas contemporâneas.

1.1 A NOVA MUSEOLOGIA: PENSAR OS PÚBLICOS E COMUNIDADES

A utilização dos termos Nova Museologia e Museologia Social como sinônimos⁴ era relativamente comum no final da década de 1990 e início da década de 2000. Essas expressões articulam-se ao movimento que teve início na década de 1960, mais precisamente a partir do mês de maio de 1968. Ao expandir-se por vários países,

⁴ Por exemplo, Cury (2005a) e Santos (2008).

impulsionou reflexões sobre os valores sociais da cultura e a necessidade da sua democratização.

Além disso, registramos a importância dos processos de descolonização, principalmente dos países africanos, que contribuíram para o desenvolvimento de questionamentos sobre princípios tidos como intangíveis e universais da museologia oficial (Varine, 2021).

Reforçava-se ainda o compromisso com a memória pública, fator que levou estudiosos como Desvallées (1992) a afirmar que a Nova Museologia funcionou como um refluxo, permitindo resgatar princípios já conquistados desde a Revolução Francesa. Assim, além de reforçar o caráter público dos museus e do patrimônio, buscava-se soluções para os processos de proteção e valorização dos bens culturais de países de passado colonial.

Afloram, no quadro dessas discussões, questões como diversidade, identidade cultural e participação das coletividades, por meio dos patrimônios culturais, vistos como fontes de informação que, segundo a perspectiva dos teóricos da época, careciam de interpretação e contextualização⁵. A inserção de tais pontos advinha de uma produção coletiva de bases científica e popular presentes nos estudos sobre noções de cultura, patrimônio cultural e experiências comunitárias, que culminaram com a criação e difusão de novas formas de museus, principalmente territoriais e ecológicos (Desvallées, 1989).

Os processos de patrimonialização e museologia são complementares e correspondem ao desenvolvimento da noção de patrimônio que se desenvolveu fortemente desde a segunda metade do século XX. Nessa perspectiva, a noção de patrimônio imaterial, por exemplo, inspirou o movimento da nova museologia e colocou em evidência os públicos e as comunidades nos ecomuseus e museus de

⁵ Para maiores detalhes sobre a origem do Movimento da Nova Museologia, consultar Desvallées (1992) e Nascimento, Bollettin e Teixeira (2022).

sociedade (Davallon, 2023).

Os aspectos indicados fazem com que autores como Mairesse (2002) afirmem que o movimento da Nova Museologia foi responsável pela criação de um pensamento e questionamentos sobre o papel do museu na sociedade e sua relação com o homem e o meio ambiente. Esse pensamento museológico avançou, sobretudo em direção às discussões sobre o homem na sua relação com os bens culturais e as funções educativas e culturais dos museus.

Isso pode ser constatado nas temáticas dos congressos do *International Council of Museums (ICOM)*⁶, com destaque para a Mesa Redonda de Santiago do Chile, tendo em vista suas pontuações sobre o uso social do patrimônio, articulado ao desenvolvimento e à sistematização do conceito de museu integral⁷. Com isso, estimulou-se o repensar em torno da necessidade de atualização das instituições museais vigentes, com base na ideia de que os museus ditos convencionais também podiam ser integrais (Scheiner, 2012). Portanto, a Nova Museologia poderia ser operacionalizada tanto nas instituições museais convencionais como nos museus comunitários.

Ademais, no âmbito das discussões no campo da Nova Museologia, amplia-se o debate sobre a natureza das ações educativas nos processos museológicos, vistas como mecanismos de mudanças e transformações sociais. Dessa forma, à luz dos teóricos da época⁸, o museu era concebido como uma instituição que devia articular-se aos

⁶ Como exemplo, citamos o seminário regional da Unesco, realizado no Rio de Janeiro em 1958, e a IX Conferência Geral do ICOM, ocorrida em Paris e Grenoble, em 1971 (International Council of Museums, 1972).

⁷ De acordo com o documento da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1999, p. 112-113), trata-se de “[...] uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento dessas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais”.

⁸ Por exemplo: Mayrand (2004) e Sola (1985).

problemas das sociedades e à formação dos cidadãos. O museu transformar-se-ia, assim, do “lugar do passado” em “lugar do presente”, onde ambos, passado e presente, estariam sob constante discussão e avaliação. E passado e presente não apenas em forma de criação artística, mas também social e política, verdadeiras molas da cultura (Suano, 1986). Observamos, no conjunto das ideias da Nova Museologia, a busca por uma Museologia e um museu proativos, atualizados e integrados às sociedades.

Com efeito, a necessidade do desenvolvimento de uma educação transformadora fazia-se presente em decorrência, principalmente, das reflexões sobre o uso político, o exercício do poder e da dominação social nas instituições museais, aspectos já apontados, por exemplo, nos conceitos de museu templo e museu fórum, utilizados por Cameron (1971), que considerava o museu fórum como o lugar onde se ganham as batalhas, e o museu templo é onde se encontram os vencedores. Acrescenta ainda que o museu fórum é local em que se fomenta a ação. O referido autor mostra, de forma crítica, que os bens culturais preservados nos museus articulam-se à memória do poder. Por isso, defende a necessidade de se estimular transformações museológicas, através da ideia de museu fórum, visto como espaço de debate, em prol de mudanças sociais.

Consoante essa perspectiva de uma Nova Museologia articulada à educação, Varine (1987) defende que as instituições museológicas devem estar a serviço do desenvolvimento, não obstante essa noção ser trabalhada e articulada aos aspectos de formação, para atender às necessidades de populações que carecem de uma educação cidadã.

Na mesma linha, Chagas (1989) esclarece os objetivos da educação museal, considerando que sua finalidade última não é a formação de artistas, como seres especiais e privilegiados, mas a reflexão, a conquista de um estado de consciência mais abrangente e a compreensão do indivíduo acerca do tempo e do espaço social em que está inserido. Esse autor ratifica a natureza dos processos museológicos educativos

como ações baseadas na compreensão da memória e dos espaços nos quais os grupos sociais estão inseridos.

Santos (1993) desenvolve a ideia da Museologia como um processo interativo com a educação. Essa autora enfoca o caráter participativo das ações museológicas, baseadas numa articulação entre os conteúdos programáticos das disciplinas e o acervo das comunidades onde as escolas estão inseridas, revelando, assim, que o aprendizado ocorre com base no cotidiano. Para ela, isso proporciona uma vivência em torno do patrimônio cultural, dotando de sentido a preservação, mediante a compreensão e reflexão sobre as identidades culturais.

Está ainda presente no campo das discussões sobre a Nova Museologia, a necessidade de participação e integração dos museus com as comunidades. É nesse sentido que Rússio (2010) chamou à atenção para o fato de que o principal reconhecimento das instituições museológicas não deve ser apenas dos órgãos oficiais de poder, mas, sim, do público. Daí, segundo a referida autora, a necessidade de se pensar nos processos de criação dos museus com as comunidades.

Essa ideia de participação permanece no âmbito da Museologia ao longo dos anos, como uma recomendação para o desenvolvimento satisfatório dessa área. É nesse sentido que Cury (2005b) a retoma para definir a Nova Museologia como um modelo metodológico de interação entre o patrimônio cultural e a sociedade, no qual o público é agente das ações de preservação e comunicação patrimonial e o processo é educacional e transformador.

Em linhas gerais e fazendo uma abordagem sobre a Nova Museologia, Varine (2021) considera-a como um “movimento” resultante do acúmulo de experiências pontuais que inventou respostas às necessidades locais, buscou alternativas para os sistemas existentes de funcionamento dos museus e de gestão do patrimônio. A esse entendimento, o citado consultor francês juntou, em alguns momentos, vontade política, como a criação administrativa de ecomuseus nos parques naturais franceses,

ou como “efeito de moda”, quando os governantes locais eleitos procuravam dotar o seu território com ferramentas mais ou menos “inovadoras” para o turismo.

Dessa forma, os museus comunitários podem ser utilizados como instrumentos de desenvolvimento e estímulo ao turismo. Na perspectiva da Nova Museologia, Rivieri e Varine⁹, os principais responsáveis pela criação do termo ecomuseu, consideravam que os museus comunitários deveriam se estabelecer em um território no qual o patrimônio fosse gerido pela e para a própria comunidade (Hubert, 1989). Alguns autores, a exemplo de Filipe e Varine (2015), afirmam ainda que o ecomuseu é uma inovação metodológica para a ação cultural, a valorização do patrimônio e o desenvolvimento local. De fato, os ecomuseus podem funcionar como ferramentas para o desenvolvimento sustentável, apoiadas no trabalho com a memória e a utilização do patrimônio natural e cultural.

Essa tipologia, que considera o território um espaço carregado de significados, é importante para a compreensão das identidades na sua diversidade, ao empregar o trabalho participativo com as populações locais, apoiado no uso da memória compartilhada. Nesse sentido, funciona como ferramenta de preservação, mobilização e fortalecimento comunitário. Assim, o desenvolvimento local é baseado no patrimônio cultural, pois, como afirma Varine (2012), esse último é um recurso local e precisa ser “vivido”, para que os sujeitos incursos nas ações museológicas tenham condições de dominar as mudanças cultural, social e econômica inevitáveis nas sociedades.

A Nova Museologia contribuiu para a construção do conhecimento científico no campo museológico, viabilizando, principalmente com as reflexões sobre patrimônio, museus, comunidades e desenvolvimento, a realização de experiências museais participativas e colaborativas com diversas populações, em várias partes do mundo.

⁹ Georges Henri Rivieri, antropólogo, foi o primeiro consultor do Conselho Internacional dos Museus. Hugues de Varine foi consultor internacional na área da museologia e do desenvolvimento. Para maiores detalhes sobre o histórico dos ecomuseus, consultar Hubert (1989).

Com isso, tem alimentado uma série de discussões museais contemporâneas, como veremos a seguir, no debate sobre a Museologia Social.

1.2 MUSEOLOGIA SOCIAL, DIÁLOGO E TROCA DE SABERES

A expressão Nova Museologia, utilizada amplamente durante a década de 1980, foi progressivamente substituída pelo termo Museologia Social a partir da década seguinte. Chagas e Gouveia (2014) acreditam que houve uma perda de potência na utilização do termo Nova Museologia. Esse processo de ascensão terminológica ocorreu de forma progressiva e paralela. Teve início em Portugal e posteriormente alcançou o Brasil¹⁰, com o desenvolvimento de estudos e dos museus locais, comunitários, intitulados de ecomuseus. Estes oportunizaram o surgimento do nome de Museologia Social ou Sociomuseologia, apoiado, sobretudo, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), de Lisboa, nos programas de formação museológica e nas publicações no denominado Cadernos de Sociomuseologia (Varine, 2021).

Avançando na discussão sobre a origem do termo Museologia Social ou Sociomuseologia, Moutinho (1993) aponta para a importância de se entender essas expressões como fruto de uma dinâmica social, pelo fato de sintetizarem a necessidade de adequação das instituições museais à sociedade contemporânea. Com efeito, tudo muda e se transforma ao longo do tempo, e isso não é diferente com os museus e a museologia.

Assim, podemos falar de um processo evolutivo no campo da Museologia Social, que recupera e reelabora, de acordo com o momento atual, alguns elementos já indicados pelos estudiosos e profissionais da Nova Museologia, como as reflexões sobre o caráter etnocêntrico dos museus e da museologia, já apontados desde o final

¹⁰ Para maiores informações sobre o desenvolvimento e as práticas e políticas museais no Brasil, consultar Portilho (2016).

da década de 1970. Varine (1979, p. 12), por exemplo, em finais da década de setenta, afirmava em entrevista: “[...] países europeus [...] impuseram aos não europeus seu método de análise do fenômeno e patrimônio culturais; obrigaram as elites e os povos desses países a ver sua própria cultura com olhos europeus”.

Além disso, a ampliação do conceito e dos usos do patrimônio cultural provocou uma virada patrimonial (Voisenat, 2016), acompanhada de um giro comunicacional dos museus, que também colocou em evidência mediações culturais inovadoras (Fraysse, 2021) ou mediações científicas potenciais (Teixeira; Fraysse; Séjalon-Delmas, 2022).

Acrescentamos, aos aspectos mencionados, as reflexões e experiências museais direcionadas para a incorporação da diversidade sociocultural das sociedades e do reconhecimento de movimentos identitários e ecológicos. Wichers (2021), para se referir a esses processos, utiliza a expressão *Novas Museologias*, citando: *Ecomuseologia*, *Museologia da Libertação*, *Museologia Comunitária*, *Museologia Feminista*, *Museologia LGBT*, entre outras. Essas museologias são classificadas por Chagas e Gouveia (2014) como *Museologias Indisciplinadas*, por estarem articuladas com a vida, numa dinâmica construtiva de saberes e fazeres de acordo com as mudanças sociais experienciadas de forma ativa.

Desse modo, quando falamos de *Museologia Social*, estamos diante de uma perspectiva museológica que se apropria de aspectos da *Nova Museologia*, mas compromete-se com princípios contemporâneos, como, por exemplo, a necessidade de reconhecimento de novos movimentos sociais, como os mencionados, a inclusão e o desenvolvimento de narrativas polifônicas, bem como a criação de espaços de encontro e irradiação¹¹. Nessa perspectiva, Britto (2019) conclui que a *Museologia* é um novo paradigma museológico direcionado para a crítica à universalidade do conhecimento. O autor assim define o que ele denomina de *Museologias*

¹¹“Narrativas polifônicas – espaço de encontro e irradiação” é o título de uma das seções do artigo de Chagas e Gouveia (2014, p. 16), na qual discutem os compromissos sociais e políticos da *Museologia Social*.

Indisciplinadas:

[...] um conjunto de conhecimentos que visa, mediante uma poética e política mediada por objetos e por afetos, desconstruir práticas colonizadoras (tidas como universais e naturais) e propor epistemes a partir de experiências contra hegemônicas [sic]. Consistem em reflexões que, a despeito das diferentes nomenclaturas, reverberam Museologias afirmativas que se ‘adubam’ de demandas coletivas, gerando intervenções orientadas por múltiplas ‘palavras de nascer’, em alusão ao pensamento de Manoel de Barros [...] (Britto, 2019, p. 136-137).

Insera-se, portanto, nos debates e nas práticas museológicas, um pensamento de natureza decolonial. Isto é, uma crítica mais atualizada sobre a colonialidade, com base na necessidade de explicar fenômenos das regiões colonizadas, apoiada na lógica e no saber das populações dominadas¹². Essa perspectiva epistemológica passa a ser considerada por vários autores, tanto dos centros quanto das periferias da geopolítica do conhecimento, ao questionarem o universalismo etnocêntrico, o eurocentrismo teórico, o nacionalismo metodológico, o positivismo epistemológico e o neoliberalismo científico contidos no *mainstream* das ciências sociais (Ballestrin, 2013). Nessa ordem de ideias, verificamos que, atualmente, as possibilidades e problemáticas museológicas, no que diz respeito aos processos museológicos decoloniais, são múltiplas, mas necessárias, pois, como discute Pereira (2020, p. 98-99), é preciso:

[...] problematizar a ideia da liberdade acerca da apropriação do que significa museu e como ele pode estar atrelado a princípios diferentes dos que são postos como únicos caminhos de entendimento e realização. Afinal, a comunidade, ou o grupo que propõe se apropriar desse lugar, muitas vezes, e arrisco a dizer na maioria das vezes, não sabe o que isso significa. São estimulados a partir de um discurso de possibilidades e, a realidade de seu envolvimento com o tema, levanta uma sorte de idiosincrasias que a nós só resta identificar e formular como questões para a Museologia Social (Pereira, 2020, p. 98-99).

Assim, falar de Museologia Social implica em considerar o diálogo e a

¹² Nesse sentido, Quijano (2005, p. 126) esclarece que “[...] não se refere a todos os modos de conhecer de todos os europeus e em todas as épocas, mas a uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo”.

participação dos diversos grupos sociais que compõem as sociedades, valorizando os saberes locais, as experiências vividas e a promoção de diálogos horizontais, de acordo com as visões de Hooks (1991) e Freire (2004), por exemplo.

Assumimos, então, que a ação museológica é educativa e direcionada para a interculturalidade, entendida por El-Hani (2022, p. 1) como “[...] a noção de diálogo de saberes, relacionando esta última a uma discussão sobre a natureza, as possibilidades e os limites da tradução intercultural”. Reconhecemos, portanto, a complexidade dos processos de construção e interlocução com as comunidades, com vistas à construção de saberes.

Adotar a pluralidade das diversas culturas e identidades, oportunizar a criação de espaços de interlocução e diálogo¹³, por meio de práticas museais educativas¹⁴, baseadas na troca de saberes entre grupos sociais e pesquisadores, viabilizando a reflexão e o desenvolvimento de sentimentos de pertencimento, mediante o uso e o reconhecimento do poder da memória, talvez seja o papel, a relevância e o desafio da Museologia Social na contemporaneidade.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS, REFLEXÕES E RESULTADOS PARCIAIS

A presente pesquisa sobre o Ecomuseu de Marquèze, na França, e a proposta de criação do Ecomuseu do Itapicuru, no Brasil, é um estudo de natureza qualitativa, em processo de desenvolvimento¹⁵, cujos estudos teóricos vinculam-se à teoria museológica contemporânea, aos estudos decoloniais e à educação intercultural. Priorizamos o levantamento e a análise da literatura, incluindo periódicos e teses sobre

¹³ Citamos, como exemplo, a experiência desenvolvida com os Kamayurá no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Para maiores informações, consultar o artigo de Teixeira ([2024?]).

¹⁴ Referimo-nos às práticas de documentação, conservação e exposição como ações culturais e educativas de natureza intercultural.

¹⁵ A pesquisa faz parte do convênio de cooperação técnica entre a UFBA, Programa de Pós-Graduação em Museologia, e a Université de Toulouse/Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées em Sciences Sociales/LERASS.

a Museologia Social obtidos nas bases de dados – Google Scholar, SciELO, Web of Science e Scopus. Contemplamos ainda algumas publicações específicas, que abordam aspectos teóricos e práticos da Sociomuseologia, produzidas pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) e pelos Cadernos do CEOM sobre a Museologia. Acrescentamos as contribuições da revista francesa *Culture & Musées – Muséologie et recherches sur la culture*, que aborda regularmente a questão da definição de museu, notadamente o dossiê nº 39, do ano 2022, que propõe uma discussão internacional sobre o conceito de museu de sociedade (Van Geert; Viau-Courville, 2022).

Para o desenho e a construção dos aspectos articulados ao histórico dos territórios e das comunidades envolvidas, estão sendo exploradas algumas fontes bibliográficas produzidas por membros da população e/ou veranistas das localidades trabalhadas. Utilizamos ainda fontes bibliográficas obtidas em arquivos privados e públicos municipais. Ainda com relação às fontes escritas, são contemplados catálogos, folders e o site do Ecomuseu de Marquèze, que apresenta dados sobre o histórico, os princípios e as atividades de mediação dessa instituição. No caso da proposta de criação do Ecomuseu do Itapicuru, também são considerados estudos acadêmicos, tais como dissertações, teses e artigos produzidos pelo grupo de pesquisa do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução (INCT IN-TREE) e o grupo de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Os pesquisadores envolvidos, autores do presente artigo, estão realizando reuniões, via internet, para análise e discussão dos aspectos teórico-metodológicos, visando à sistematização e ao desenvolvimento do conteúdo da pesquisa.

Trata-se do estudo de dois casos, de natureza etnográfica, que estão sendo descritos isoladamente, considerando-se as suas especificidades. Os dados empíricos obtidos em uma abordagem qualitativa têm objetivado compreender as percepções e

os sentidos elaborados pelas populações localizadas nos territórios analisados em relação às propostas museais do Ecomuseu do Itapicuru e do Ecomuseu de Marquèze. Ressaltamos o encontro entre pesquisadores e habitantes dos territórios, coprodutores de conhecimento, isto é, diferente da ideia de público, já que esses são sujeitos observadores, tal como entende Bonnot (2020).

Adotamos, assim, a observação etnográfica para análise das comunidades em relação aos territórios estudados. Realizamos ainda trabalhos de campo no vilarejo de Siribinha e Marquèze, para encontrar os atores das comunidades e dos museus e observar os discursos que circulam e as mediações propostas. Durante o trabalho, utilizamos um diário de campo para o registro das nossas observações e impressões. A técnica de entrevista semiestruturada está sendo utilizada junto aos membros da população de cada localidade, pesquisadores e responsáveis pelos ecomuseus. Para a sistematização dos dados, recorreremos à análise de conteúdo proposta por Franco (2008).

2.1 O ECOMUSEU DE MARQUÈZE (LANDES, NOUVELLE AQUITAINE, FRANÇA)

No caso do Ecomuseu de Marquèze, trata-se de um dos primeiros ecomuseus da França, criado no final da década de 1960, com o apoio da política de desenvolvimento ambiental, vinculado à ideia dos parques naturais regionais, no caso específico, o *Parc Naturel Regional des Landes de Gascogne*¹⁶. É um museu de céu aberto que reúne uma coleção de casas rurais e reconstrói um “bairro” ou área agrícola de pecuária e floresta.

O museu possui uma exposição de longa duração, que apresenta a história do território, o modo de vida e as características dos agricultores e criadores da região desde o século XIX. Vale registrar que os habitantes dessa região eram normalmente discriminados em virtude dos seus modos de vida rural, considerados como impróprios

¹⁶ Para maiores detalhes sobre parques e ecomuseus, consultar Teixeira (2017).

e grosseiros. Isso contribuiu para a resistência da comunidade no início do projeto museológico, pois ela não queria lembrar do seu passado, revelando, assim, dificuldades de aceitação das suas origens e memória.

O Ecomuseu de Marquèze possui uma coleção de objetos. Em seu território, são desenvolvidas atividades regulares de mediação com os visitantes¹⁷, a exemplo das visitas comentadas, consideradas como a melhor alternativa para compreender a história de Marquèze, os seus habitantes e o patrimônio que envolve esse território. Conta também com um pavilhão que abriga exposições temporárias, painéis explicativos dispostos ao longo do território, além de disponibilizar jogos para as crianças com informações sobre o ecomuseu.

Trata-se de um museu público, que tem o apoio de empresas e associações locais. A população local não participa diretamente da gestão do museu, mas colabora com algumas atividades e, atualmente, demonstra orgulho da sua história.

2.2 O PROJETO DO ECOMUSEU DO ITAPICURU, CONDE, BAHIA, BRASIL

A proposta de criação do Ecomuseu do Itapicuru teve origem com a relação que se estabeleceu entre as comunidades pesqueiras de Poças e Siribinha e os pesquisadores de Biologia da UFBA. Posteriormente a essa ideia museal foram inseridos, nessa equipe, estudiosos do campo museológico também vinculados à mesma Instituição de Ensino Superior¹⁸.

Nesse sentido, membros das vilas pesqueiras da região do Itapicuru, em particular professores do ensino fundamental, apresentaram uma demanda de criação de uma instituição museal. O objetivo era reconhecer e valorizar a história local e, ao mesmo tempo, atender aos anseios dos visitantes em relação à aquisição de informações sobre a região, sua população e seus atrativos naturais.

¹⁷ Uma descrição mais detalhada dessas atividades pode ser encontrada em Casteignau (2018).

¹⁸ Para maiores informações, consultar El-Hani (2022).

As populações do Estuário do Itapicuru são predominantemente de origem indígena e afro-brasileira. A região constitui-se em uma variada área de ecossistemas e paisagens naturais nas quais se destacam remanescentes de Mata Atlântica, restingas, dunas, praias, recifes coralíneos, áreas úmidas – brejos e lagoas – e manguezais, em seis estuários (Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, [2022?]). Não obstante, mesmo com esse rico e diversificado patrimônio, o problema da proteção ambiental e cultural de forma sustentável apresenta-se como um desafio permanente para as comunidades desse estuário.

Registramos ainda que o referido território constitui-se como uma Unidade de Conservação do Estuário do Itapicuru. Entretanto, os seus referenciais históricos, sociais e culturais não são contemplados nesse modelo de preservação ambiental, apontando, assim, para um distanciamento entre natureza e cultura, nessa figura jurídica de proteção do meio ambiente.

Aflora, no seio dessas comunidades, o sentimento de um passado comunitário/solidário e um presente marcado pela necessidade de desenvolvimento do turismo, apontado como alternativa econômica, ao mesmo tempo ameaçador não somente pelas relações estabelecidas pelos turistas com o patrimônio e a cultura local, mas também por se apresentarem, em algumas situações, como concorrentes em relação à apropriação e ao uso dos bens naturais.

É nesse contexto genérico que se insere a criação de uma instituição museal, um dos caminhos apontados pelas comunidades desse Estuário para enfrentar o desafio atual de um desenvolvimento pautado no turismo. O museu apresenta-se, para essas comunidades, como um mecanismo de proteção, defesa e valorização das memórias e do patrimônio natural e cultural.

Além dessa estratégia museal, indica-se a necessidade de que o turismo seja articulado de outra maneira na região. A comunidade refere-se a um “turismo controlado”. Assim, os visitantes, além de levarem em consideração medidas de

proteção e cuidado com o meio ambiente, precisam ser informados sobre a história da população local. Entendem que esse processo de comunicação é essencial, podendo funcionar como medida de valorização da região e de respeito aos moradores.

Manifesta-se a ideia de um museu participativo, de encontro entre os mais velhos e os mais novos. Compara-se a proposta do museu com uma feira, isto é, como um local “vivo” e dinâmico. Aponta-se ainda a ideia de comercializar determinados produtos no próprio museu, a fim de ajudar na sua manutenção (Teixeira, 2023).

Os casos do ecomuseu de Marquèze e a proposta de criação do ecomuseu do Itapicuru demonstram que, para além dos termos utilizados, a Museologia e os processos museológicos vão além de um desenvolvimento linear, conforme pontuamos a seguir.

No caso do Ecomuseu de Marquèze, as atividades museológicas, em particular os processos de mediação, voltam-se, sobretudo, para uma abordagem evolucionista sobre o território. Valoriza-se o turismo, mas a participação da comunidade não corresponde diretamente ao que os teóricos da Nova Museologia e da Museologia Social elencam como princípio básico das práticas museais, isto é, a responsabilidade pela preservação do patrimônio e do território, por exemplo.

Dessa forma, o modelo original de ecomuseu priorizava a integração e o envolvimento das comunidades que se constituíam como sujeitos ativos da ação museológica, como visto. Desse modo, as atividades museais seriam um meio para criar as condições necessárias a uma reflexão sobre a trajetória histórica das populações, apoiada no patrimônio natural e cultural, viabilizando, assim, uma análise crítica sobre a realidade presente, para se refletir e criar metas em relação ao futuro desejado.

Embora o Ecomuseu de Marquèze tenha sido criado no auge do movimento da Nova Museologia e conte com elementos próprios do ecomuseu, tais como território, comunidade e patrimônio, apresenta uma abordagem museológica distinta do que se convencionou denominar de Nova Museologia e Museologia Social. Atualmente, as

suas atividades de informação e mediação correspondem a uma Museologia Normativa.

A proposta do Ecomuseu do Itapicuru parte de uma iniciativa dialógica, fruto da interlocução entre população local e pesquisadores, conforme apontado anteriormente¹⁹. De maneira geral, a população local reconhece, valoriza e tem orgulho da memória local, mas identifica a fragilização dos laços comunitários, provocada por fatores diversos, inclusive pelo desenvolvimento do turismo na região. Constatamos, entretanto, principalmente entre os mais jovens, alguns problemas em relação à falta de aceitação de suas origens pesqueiras.

No caso do Itapicuru, a indicação das tipologias - ecomuseu e/ou museu didático, com base na participação e no desenvolvimento de ações culturais museológicas - constitui-se como uma alternativa para essa população que se sente “ameaçada” pelo turismo. Vale considerar que a ideia de museu proposta e desenvolvida pela comunidade não surge por acaso. Funciona como uma reação ao desenvolvimento de políticas implementadas na região, voltadas para o turismo, conforme dito, que não consideram as especificidades sociais, políticas e culturais de determinados contextos populacionais, podendo constituir-se como ameaçadoras para determinados grupos socioculturais.

Os dados indicam que a comunidade deseja preservar o meio ambiente, suas memórias e tradições numa perspectiva museal, isto é, com a criação de um museu, conforme dito, que, segundo depoimentos de membros comunitários, corresponde aos modelos de ecomuseu e museu didático. Revelam ainda que alguns moradores apontam caminhos museológicos a serem adotados, sugerindo a realização de exposições na única escola da comunidade e um “roteiro” para a criação de uma exposição de longa duração²⁰.

¹⁹ Fruto da interlocução entre população local e pesquisadores, conforme apontado anteriormente.

²⁰ Descrições detalhadas dessas concepções e propostas podem ser obtidas com a leitura do Trabalho de Conclusão de Curso de Museologia de Souza (2024), a ser defendido, e de Teixeira (2023).

Esse “protagonismo museológico” da população, viabilizado pela interlocução com os pesquisadores da UFBA, aponta para o desenvolvimento e a consolidação desse contexto de diálogo que impulsiona a execução de ações museais de natureza educativa/cultural, sustentados na troca de saberes e no uso da memória. Observamos ainda a necessidade de apoio dos órgãos oficiais nas áreas de cultura, educação e meio ambiente, para planejamento, execução e gestão contínua das atividades museológicas.

Contudo, tais iniciativas museológicas propostas por comunidades periféricas, como as do presente estudo, afirmam avanços e contribuem para a restauração de uma visão de mundo, substituindo uma interpretação ocidental e oficial da história e do patrimônio (Rivet, 2020). No caso do Itapicuru, por exemplo, afloram dados em relação às memórias infantis e à cultura imaterial, importantes para o processo de inventário patrimonial participativo²¹.

Nesse sentido, a proposta do Ecomuseu do Itapicuru não se insere no que se convencionou denominar de Nova Museologia. Tal iniciativa vincula-se, de forma mais apropriada, às ideias da Museologia Social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão encetada neste artigo analisou aspectos da Nova Museologia e da Museologia Social numa perspectiva histórica, apoiada em uma revisão de literatura museológica. Procuramos demonstrar que a Museologia, de maneira geral, possui uma dinâmica atrelada aos aspectos políticos, sociais e econômicos das sociedades.

Demonstramos ainda algumas semelhanças e distinções entre as noções de Nova Museologia e Museologia Social, destacando alguns elementos da Nova Museologia que fazem parte da Museologia Social. Não obstante, alguns aspectos contemporâneos foram incorporados ao longo dos anos, como, por exemplo, os

²¹ Esses dados estão sendo investigados por Manuela Paiva em sua pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Museologia da UFBA, continuação da pesquisa iniciada na graduação (Paiva, 2023).

estudos decoloniais, demonstrando a dinâmica da área museológica.

O ecomuseu de Marquèze é importante para demonstrar o funcionamento e a contribuição dessa tipologia museal para o fortalecimento de sentimentos de pertencimento e orgulho de grupos subalternos. Além disso, constatamos também a importância do apoio político, mediante a execução de políticas de proteção ambiental na França, sobretudo no período da criação dos parques naturais regionais.

O caso do Itapicuru indica a existência de políticas de desenvolvimento turístico que não contemplam realidades locais, mas fazem aflorar memórias locais e sentimentos identitários que poderiam ser melhor trabalhados numa perspectiva museológica, para evitar a fragilização de laços comunitários. Assim, recomenda-se uma articulação entre as políticas turísticas e museológicas.

Até o momento, verificamos que o caso do Itapicuru aponta para a necessidade de construção de um museu, fruto de um diálogo intercultural. Caracteriza-se como uma experiência no campo da Museologia Social, pois o conhecimento produzido e as práticas desenvolvidas obedecem a princípios decoloniais nas suas possibilidades, dificuldades e complexidade. Além disso, em que pese ainda o desenvolvimento da pesquisa, arriscamo-nos a apresentar uma proposição de definição da Museologia Social baseada na ideia de construção de espaços de interlocução por meio das ações museológicas, no uso da memória e do patrimônio. Esta proposição, entretanto, ainda carece de maiores aprofundamentos que almejamos conseguir no decorrer do desenvolvimento do trabalho de pesquisa em curso. Registramos ainda a importância do apoio dos órgãos oficiais de cultura e educação, para viabilizar, de forma contínua, experiências dessa natureza.

O presente estudo, por meio dos casos aqui apresentados, contribui para o debate sobre a Museologia e seus desenvolvimentos, com base na análise da tipologia própria do movimento da Nova Museologia - os ecomuseus. Estes podem e adotam perspectivas museológicas diversas e variadas, conforme aqui demonstrado de forma

breve.

Ademais, o debate sobre ecomuseus e turismo continua merecendo atenção por parte dos pesquisadores de diversas áreas, em particular da Museologia, sobretudo em relação ao uso do patrimônio cultural como ferramenta de reflexão para o fortalecimento das memórias comunitárias afloradas durante a implantação e implementação de projetos turísticos.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, DF, n. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 21 out. 2024.

BONNOT, Thierry. Recherche anthropologique et ecomusée: une utopie assumée. **e-Phaïstos: Revue d'histoire des techniques**, Nantes, v. 8, n. 1, p. 23-35, 2020.

Disponível em: <https://journals.openedition.org/ephaistos/7424>. Acesso em: 9 mar. 2024.

BRITTO, Clovis Carvalho. “**Nossa maçã é que come Eva**”: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil. 2019. Tese (Doutorado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2019. Disponível em:

<https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/9533/1/Tese%20ULHT%20Vers%C3%A3o%20Final%20Clovis%20Britto.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.

CAMERON, Duncan F. The Museum: a temple or the forum? **Curator: The Museum Journal**, New York, v. 19, n. 1, p. 11-14, 1971. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.2151-6952.1971.tb00416.x>. Acesso em: 18 mar. 2023.

CASTEIGNAU, Marc. Le Pavillon de Marquèze. *In*: DOUTRELEAU, Vanessa (coord.).

Marquèze: à la découverte de l'écomusée. Paris: Éditions Sud Ouest, 2018. p. 34-37.

Disponível em: <http://www.editions-sudouest.com/livres/marquèze-a-decouverte-de-lecomusee/>. Acesso em: 21 set. 2022.

CHAGAS, Mário. Preservação do Patrimônio Cultural: Educação e Museu. **Cadernos**

Museológicos, Rio de Janeiro, n. 2, p. 46-53, dez. 1989.

CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM** - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, Chapecó, v. 27, n. 41, p. 9-22, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2592>. Acesso em: 21 out. 2024.

CURY, Marília Xavier. Museologia - marcos referenciais. **Cadernos do CEOM** - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, Chapecó, v. 18, n. 21, p. 45-74, 2005a. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2271>. Acesso em: 21 abr. 2021.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico metodológica para os museus. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 365-380, 2005b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/qshVzrR8BSgySG9b5WwcDLD/>. Acesso em: 22 jul. 2021.

DAVALLON, Jean. **Des traces patrimoniales en devenir: une analyse communicationnelle des modes de patrimonialisation**. Londres: ISTE éditions, 2023.

DESVALLÉES, André. A Museologia e os museus: mudanças de conceitos. **Cadernos Museológico**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 12-21, 1989.

DESVALLÉES, André. **Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie**. Paris: Editions W, 1992. v. 1.

EL-HANI, Charbel N. Bases teórico-filosóficas para o design de educação intercultural como diálogo de saberes. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 1-38, 2022. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/2806>. Acesso em: 5 nov. 2022.

FILIPPE, Graça; VARINE, Hugues de. Que Futuro para os Ecomuseus. **Opinião**, [s. l.], n. 19, p. 21-36, 2015. Disponível em: https://dadospdf.com/download/que-futuro-para-os-ecomuseus-_5a4c0f12b7d7bcab67010d7f_pdf. Acesso em: 18 jun. 2018.

FRANCO, Maria Laura Puglise Barbosa. **Análise do conteúdo**. 3. ed. Campinas: Liber Livro, 2008.

FRAYSSE, Patrick (dir.). **Médiations culturelles innovantes**: observations croisées dans deux musées toulousains. Dijon: Editions de l'OCIM, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HOOKS, Bell. Black women intellectuals. *In*: HOOKS, Bell; WEST, Cornel (ed.). **Breaking bread**: insurgente black intellectual life. Boston: Southend Press, 1991. p. 147-165.

HUBERT, François. Historique des Écomusées. *In*: RIVIERE, Georges-Henri. **La museologie selon Georges Henri Rivière**. Paris: Bordas, 1989. p. 146-154.

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS. **APA Litoral Norte do Estado da Bahia**. Salvador: INEMA, [2022?]. Disponível em: <http://www.inema.ba.gov.br/gestao-2/unidades-de-conservacao/apa/apa-litoral-norte-do-estado-da-bahia/>. Acesso em: 3 mar. 2022.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. **The museum in the service of man**: today and tomorrow. The museum's educational and cultural role: the papers from the Ninth General Conference of ICOM. Paris: ICOM, 1972. Disponível em: <https://icom.museum/en/ressource/the-museum-in-the-service-of-man-today-and-tomorrow-the-museum-educational-and-cultural-role-the-papers-from-the-ninth-general-conference-of-icom/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

MAIRESSE, François. **Le musée temple spectaculaire**: une histoire du projet muséal. Paris: Presses universitaires de Lyon, 2002.

MAYRAND, Pierre. Haute-Beauce: psychosociologie d' un écomusée. **Cadernos de Sociomuseologia**: Centro de Estudos de Sociomuseologia, Lisboa, v. 22, n. 22, p. 1-137, 2004. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/39>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MOUTINHO, Mário Canova. Sobre o conceito de Museologia Social. **Cadernos de Sociomuseologia**: Centro de Estudos de Sociomuseologia, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 5-6, 1993. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>. Acesso em: 15 mar. 2023.

NASCIMENTO, Marco Tromboni; BOLLETTIN, Paride; TEIXEIRA, Sidélia. Mediações

com os índios Kamayurá do Alto Xingu/Amazônia/Brasil no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. *In*: TEIXEIRA, Sidélia; FRAYSSE, Patrick; SEJALON-DELMAS, Nathalie (org.). **Mediações científicas potenciais: museus e coleções da Universidade Federal da Bahia/Brasil e da Universidade de Toulouse/Paul Sabatier/França**. Salvador: EDUFBA, 2022. p. 35-54.

PAIVA, Manoela Feio Silva. **Rede de memórias: crianças e brincadeiras uma jornada de identificação patrimonial**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. Museologia, Nova Museologia e Museologia Social: interfaces e conjuntura. *In*: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). **Introdução à Sociomuseologia**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2020. p. 77-112. Disponível em: https://www.museologia-portugal.net/files/introducao_sociomuseologia_10.07.2020.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.

PORTILHO, Aline dos Santos. **Das “belezas que emanam dos jardins suspensos de Ipanema e Copacabana”**: políticas governamentais, demandas por memória e produção do espaço no Museu de Favela do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo. 2016. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, 2016.

PRIMO, Judite (org.). Museologia e património: documentos fundamentais. **Cadernos de Sociomuseologia**: Centro de Estudos de Sociomuseologia, Lisboa, v. 15, n. 15, p. 111-121, 1999. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>. Acesso em: 20 maio 2022.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder: eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIVET, Michèle. Decolonization and restitution: moving towards a more holistic and relational approach. **Museum Worlds: Advances in Research**, New York, v. 8, n. 1, p. 204-209, 2020. Disponível em: <https://www.berghahnjournals.com/view/journals/museum-worlds/8/1/armw080114.xml?ArticleBodyColorStyles=pdf-4278>. Acesso em: 15 fev. 2023.

RÚSSIO, Waldiza. Museu: uma organização em face das expectativas do mundo atual.

1974. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 45-56. v. 1.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Repensando a ação cultural e educativa dos museus**. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Reflexões sobre a Nova Museologia: encontros Museológicos – reflexões sobre a museologia, a educação e o museu**. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/cSJ5xdKWRhL9fQTfkQvyJMc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SOLA, Tomislav. Educação para a comunicação. **ICOM News: revista do Conselho Internacional de Museus**, Paris, v. 40, n. 3/4 p. 1-10, 1985.

SOUZA, Mariana Moura. **Memória, patrimônio e educação: metodologias colaborativas em comunidades pesqueiras - o caso escola Brazilina Eugênia de Oliveira, Poças/Ba, Brasil**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TEIXEIRA, Sidélia Santos. **Museologia, parques, ecomuseus, associações e iniciativas comunitárias em defesa do patrimônio cultural**. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 3., 2017, Belém. **Anais [...]**. Belém: SEBRAMUS, 2017. Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/3sebramus/3Sebramus/paper/viewPaper/718>. Acesso em: 18 maio 2023.

TEIXEIRA, Sidélia Santos. Museologia social e museus universitários: uma experiência de ensino, pesquisa e extensão com os Kamayurá. **Revista Convergências em Ciência da Informação**, Aracaju, [2024?].

TEIXEIRA, Sidélia Santos. Museologia social, turismo e ecomuseu: o caso da comunidade de Siribinha/Bahia/Brasil. **Museologia e Patrimônio**, Leiria, v. 9, p. 218-

254, 2023. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/60bd3124-8d48-4f9b-a891-8c58258a35f2/PCMV.98%20-%203143046.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2023.

TEIXEIRA, Sidélia; FRAYSSE, Patrick; SEJALON-DELMAS, Nathalie (org.). **Mediações científicas potenciais**: Museus e coleções da Universidade Federal da Bahia/Brasil e da Université de Toulouse - Paul Sabatier/França. Salvador: EDUFBA, 2022.

VAN GEERT, Fabien; VIAU-COURVILLE, Mathieu (dir.). Le musée de société aujourd'hui. Héritage et mutation. **Culture & Musées**, Avignon, FR, n. 39, 2022. Disponível em: <https://journals.openedition.org/culturemusees/7503>. Acesso em: 18 jul. 2024.

VARINE, Hugues de. Entrevista. In: ROJAS, Roberto; CRESPIÁN, José Luís; TALLERO, Manuel. **Os museus no mundo**. Rio de Janeiro: Salvat, 1979. p. 9-21.

VARINE, Hugues de. **O tempo social**. Rio de Janeiro: Livraria Eça, 1987.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VARINE, Hugues de. Prefácio. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). **Teoria e prática da Sociomuseologia**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2021. p. 9-16. Disponível em: https://www.museologia-portugal.net/files/teoriaepratica_sociomuseologia2021_0.pdf. Acesso em: 25 abr. 2023.

VOISENAT, Claudie. Le tournant patrimonial. In: HOTTIN, Christian; VOISENAT, Claudie (dir.). **Le Tournant patrimonial**. Mutations contemporaines des métiers du patrimoine. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2016. p. 17-41.

WICHERS, Camila A. de Moraes. Entre as teorias narradas e práticas vividas: diálogos entre Sociomuseologia e Arqueologia Pública. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (ed.). **Teoria e prática da Sociomuseologia**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2021. p. 177-204.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 



 tpbci@ancib.org

 [@anciboficial](https://www.instagram.com/anciboficial)

 [@ancib_brasil](https://twitter.com/ancib_brasil)